

Os cursos em massa *online* instalam-se

A Coursera, uma das três grandes fornecedoras de cursos em massa abertos *online* (MOOC), anunciou recentemente um acordo com a Google, a Instagram e outros gigantes da tecnologia, para desenharem em conjunto vários “micro cursos”: títulos que acreditam a pessoa por ter feito alguns cursos pela Internet, mais um projeto prático, relacionados com um tema muito concreto.

Em comparação com os cursos tradicionais, estes “micro cursos” – asseguram os promotores – têm uma ligação muito mais direta com as necessidades do mercado. Além disso, a abordagem prática da maioria deles – e a especificidade do seu conteúdo – permite a quem os frequenta, especializar-se num tema por um preço muito inferior ao de um *master*. Também são muito mais flexíveis: o estudante pode fazer os diversos módulos pela ordem que queira – com pequenas restrições – e não tem de se deslocar fisicamente para nenhum sítio.

Os três grandes do setor dos MOOC (Coursera, Udacity e EdX) começaram por oferecer apenas cursos soltos, mas pouco a pouco também foram desenvolvendo programas parecidos com especializações. Os 28 da Coursera – a plataforma com maior oferta – são ministrados e acreditados por universidades norte-americanas ou europeias. São compostos por vários cursos – cinco em média – e um projeto fim de programa. Os campos predominantes são a tecnologia – especialmente a informática – e a empresa, embora também haja alguns dedicados ao ensino, à política internacional ou à biologia. Contudo, a maior parte da oferta continua a ser dos cursos soltos, mais de 1100.

A EdX oferece, além dos seus 434 cursos, 13 programas de especialização – compostos por dois a sete cursos cada um – chamados X Series. São mais baratos – uns 200 dólares – do que os da Coursera e não exigem que se elabore um projeto prático, mas só em oito deles é dado um certificado final.

A Udacity oferece cinco “nano cursos” de momento, embora esteja a desenvolver mais. Todos estão centrados na tecnologia, e foram desenhados em colaboração com empresas do setor como AT&T, Google ou Facebook. Cada um dura de seis a doze meses e custa 200 dólares por mês.

A colaboração de grandes empresas é apresentada como um aval de aproximação às necessidades do mercado. Num

contexto em que se tende a conceber os estudos universitários como uma preparação laboral, estes programas vêm a constituir um atalho. A Udacity é a fornecedora que mais claramente apostou neste modelo: enquanto a EdX, a de cariz mais académico, exhibe na sua *web* os nomes das universidades que certificam os seus cursos, os logos que são destacados na da Udacity são os da Google, Facebook ou Android. A Coursera também dá passos nessa direção, como indica o seu recente acordo com a Google para desenhar algumas especializações.

Os três grandes dos MOOC são apresentados como “o futuro do ensino superior”. No entanto, enquanto se limitavam a oferecer cursos soltos, o mundo académico não os encarava como verdadeiros concorrentes. O salto para as especializações constitui um desafio muito mais real. Alguns dos novos programas podem ser uma alternativa válida aos cursos de pós-graduação ou *masters*, e a um preço muito menor.

Assim, a Udacity, em colaboração com o Georgia Institute of Technology (GIT), oferece um curso em informática no valor de 7000 dólares. Cada crédito custará 135 dólares, muito menos do que os 472 (1139 para os estrangeiros) que o GIT cobra atualmente na modalidade tradicional. Os exames serão presenciais, embora os estudantes os possam fazer em qualquer dos centros de avaliação acreditados (várias centenas por todos os Estados Unidos).

Outro exemplo é a nova especialização em Data Science, da Coursera, ministrada por professores da Johns Hopkins University e com projeto final desenhado por uma empresa de tecnologia para telemóveis, que pode ser um exemplo do novo modelo de ensino de pós-graduação.

Todavia, fica por avaliar se a qualidade dos MOOC é equiparável à de um programa tradicional. Existe um precedente negativo: em 2013, a Udacity chegou a um acordo com a Universidade estadual de São José (Estados Unidos), pelo qual os alunos podiam frequentar algumas cadeiras através da plataforma. A nota média nos exames finais foi tão baixa que a universidade rescindiu o acordo.

Desde a explosão dos MOOC, as três principais plataformas tiveram problemas de financiamento, mas isto pode estar a começar a mudar. Uma forma de obter receitas são os títulos

certificados. A maioria dos cursos pode fazer-se gratuitamente, mas tem de se pagar se se quiser obter um documento de acreditação.

Por outro lado, tanto a Coursera como a Udacity receberam importantes investimentos de fundos de capital de risco, enquanto que a EdX se financiou com donativos das suas duas instituições mãe (Harvard e MIT), mais alguma contribuição da Fundação Gates.

Contudo, o futuro do financiamento poderia estar nas colaborações com as grandes empresas. Estas podem ter interesse em fomentar um tipo de ensino de que necessitam, e as fornecedoras de MOOC encaram bem o dinheiro e o prestígio que lhes trazem.

F. R.-B.

O acolhimento aos filhos com síndrome de Down

A notícia de uma mulher que supostamente abandonou o seu marido e o seu filho depois de este nascer com síndrome de Down provocou polémica. O casal vivia na Arménia, onde os filhos com deficiência são encarados como uma desgraça. A esta visão opõem-se um sociólogo italiano e outros pais de crianças com síndrome de Down. Também o Papa Francisco se referiu há pouco tempo ao modo de acolher qualquer filho, doente ou são.

Na versão do marido, o neozelandês Samuel Forrest, a sua mulher pediu o divórcio uma semana depois de ter nascido Leo. Forrest explicou à “ABC News” (“Dad Refuses to Give Up Newborn Son With Down Syndrome”, 5.2.2015) que a sua mulher lhe deu um ultimato: “Se ficares com o menino, vamos divorciar-nos”.

Cinco dias depois, a “ABC News” publicou (“Woman Defends Her-self After Husband Says She Gave up Newborn With Down Syndrome”, 7.2.2015) a versão da mãe, Ruzan Badalyan, sem tomar partido por nenhuma das duas histórias. Alega que o seu marido não a soube apoiar “no momento mais duro” da sua vida e que abandonou o hospital, dizendo-lhe horas depois que levava o menino para a Nova Zelândia.

Badalyan nega ter dado um ultimato ao seu marido, embora efetivamente tenha sido apresentado um pedido de divórcio e que “ele não queria separar-se”. Posteriormente, a mãe pensou que Leo teria mais oportunidades se abandonasse a Arménia com o seu pai.

Da leitura completa das duas narrativas, fica clara uma coisa: na Arménia, existe uma mentalidade que considera menos valiosas as vidas das crianças com síndrome de Down.

A esta visão opuseram-se no “Daily Mirror” (“Parents of children with Down’s syndrome praise dad who refused to give up on his baby when wife left”, 6.2.2015) vários pais britânicos que têm filhos com síndrome de Down.

Catherine Standlick fala do seu quarto filho, Tomas, de 23 anos: “Aceitámo-lo de forma incondicional. Não tem culpa de nada. É o filho mais carinhoso, descarado, às vezes desafiante, mas também o mais gratificante que podia-mos ter esperado. Toda a gente gosta dele nesta família”.

Para Vicky e Paul Maulkin-Jones, a notícia de que iam ter um filho com síndrome de Down caiu-lhes como um jarro de água fria. Era medo pelo desconhecido, explicam. Agora que o seu filho está em vias de fazer sete meses, sentem-se uns afortunados. “O Eden é uma criança muito alegre. Derrete o coração de qualquer um. Muitas vezes somos parados na rua e dizem-nos: mas que criança mais bonita e alegre que vocês têm!”.

Os restantes testemunhos vão na mesma linha: “Ensinou-nos tudo”, diz Julie Morrison da filha Rachel. “A nossa filha é uma bênção e sempre o será”, diz outro pai de menina com síndrome de Down.

No “Corriere della Sera” (“Come cambia un padre che scopre di avere un figlio down”, 11.2.2015), Alessandro Sala dá notícia do livro “Ti seguirò fuori dall’acqua”, publicado recentemente em Itália. O seu autor é o sociólogo italiano Dario Fani, pai de Francesco, um menino com síndrome de Down. O livro descreve o processo de transformação interior que experimentou Fani durante os três primeiros meses de vida do seu filho, o qual hoje já tem seis anos.

Desde a rejeição inicial com que recebeu a notícia – Fani compreendeu depressa que a vida não seria como a havia sonhado –, passando pela emoção do primeiro contacto que teve com Francesco fora da incubadora, até à aceitação e à alegria: “A partir deste momento, tu e eu”, escreve ao seu filho no livro, “convertemo-nos numa equipa, a equipa mais forte, invencível e indivisível que alguma vez existiu”.

O tom exultante de Fani compreende-se melhor à luz do seu processo de mudança. O homem que tinha consigo todas as certezas e que se via a si mesmo como um triunfador, teve de começar do zero para vir a valorizar o que verdadeiramente interessa na vida. “Consegui recuperar da minha miopia escura. Ensinaste-me a ver o invisível”. Muito menos oculta as dificuldades de enfrentar uma vida que é simultaneamente mais difícil e mais intensa do que outras. Confessa que na vida diária ainda hoje ambos os aspetos convivem. “A transformação a que me conduziu o Francesco é maravilhosa, abraça-a, vivo-a. Mas há momentos em que é inevitável recair em pensamentos negativos”.

Para Fani, Francesco é um super herói “enviado para cumprir uma missão: a de me salvar a mim e talvez um dia, quem sabe, ao resto do mundo”. Mas também é um peixe indefeso, protegido pelo vidro de um aquário chamado incubadora. Francesco é um menino como qualquer outro – com um cromossoma a mais –, mas nem toda a gente considera que a sua vida valha tanto como a de outros meninos.

Neste sentido, recorda o que ouviu dizer a uma enfermeira no hospital: “Pensar que em 2009 ainda temos de ver estas coisas”. E *estas coisas* era o Francesco. “Num mundo que procura a perfeição de modo obsessivo, que não permite nenhuma falha, é possível que haja pessoas que pensem que meninos como tu não valem a pena”. Se escreveu o livro, é para “abrir caminho à ideia de que um menino com síndrome de Down também tem o seu lugar na sociedade”.

A viagem emocional de Fani é muito parecida com a que têm vivido muitos outros pais desde que lhes comunicam que vão ter um filho com síndrome de Down até o acolherem. “A maioria conta que o diagnóstico foi uma notícia demolidora”, explicam as autoras de um inquérito a pais de filhos com esta deficiência.

No entanto, quando os sentimentos amainam, os pais descobrem a outra face da realidade: a alegria que experimentam ao criar um bebé com necessidades especiais. A chave dessa viragem emocional é “o vínculo que os pais estabelecem com os filhos” (“Ace-prensa”, “Síndrome de Down: lo que dicen los médicos condiciona la acogida”, 13.9.2010).

As palavras do Papa Francisco na sua audiência geral de 11 de fevereiro, apresentam um contexto mais amplo para refletir sobre o acolhimento aos filhos com síndrome de Down. Embora não tenha abordado diretamente este assunto, o Papa sublinhou que não se pode fazer distinções entre filhos são e doentes.

“Na sequência da série de catequeses sobre a família, hoje gostaria de lhes falar dos filhos como dom de Deus para os pais e a sociedade. Um filho é amado por ser filho: não porque seja belo, são, bom; não porque pense da mesma maneira que eu, ou encarne os meus desejos. Todos nós fomos filhos”.

A experiência da filiação “permite descobrir a dimensão gratuita do amor, de ser amado antes de ter feito alguma coisa para o merecer, antes de saber falar ou pensar e, inclusivamente, antes de vir ao mundo”.

Do mesmo modo que “uma sociedade que despreza os seus idosos é uma sociedade indigna, que perde as suas raízes e seca, uma sociedade que não se rodeia de filhos, que os considera um problema, um peso, não tem futuro”.

“Cegueira moral”

“Moral Blindness”

Autores: Leonidas Donskis, Zygmunt Bauman Paidós. Barcelona (2015).

272 págs.

Tradução (castelhano):

Antonio Francisco Rodríguez Esteban.

Zygmunt Bauman é dos sociólogos vivos mais lidos. Nos últimos anos publicou textos breves para um público amplo, com profundidade, rigor e sentido crítico. Também publicou diálogos com colegas, como neste em que Leonidas Donskis, professor de Ciência Política, dialoga com Bauman sobre temas morais básicos numa perspetiva sociológica.

O título é eloquente. O livro alerta para os perigos de não estar consciente do mal que, nas suas diversas manifestações, nos rodeia, influencia e transforma. O diálogo/debate entre Bauman e Donskis desenvolve-se a partir de um diagnóstico partilhado: o mal, em sentido amplo, isto é, o prejudicial, perigoso, recusável, imoral, etc. teve historicamente expressões concretas, assinaláveis, etiquetáveis como mal: por exemplo, tal comportamento é recusável moralmente, ou estes são os perigos que temos de enfrentar socialmente, ou aquele é o inimigo de que devemos proteger-nos...

No entanto, numa sociedade com relações “líquidas” (como Bauman caracteriza a sociedade contemporânea), isto é, com relações mutantes, parciais, flexíveis em todos os âmbitos, “o mal” também se transforma e se torna menos “sólido”, manifesta-se de modo menos claro, e isso dá-lhe uma aparência mais inconsistente... Mas paradoxalmente – defendem os autores –, em vez de torná-lo mais vulnerável, torna-o mais poderoso. Porque agora se tornou invisível. Ou, dito de outro modo, conseguiu que não lhe prestemos demasiada atenção, que, em resumo, tenha-mos uma certa “cegueira moral”.

A partir deste quadro, os autores propõem um conjunto de estimulantes reflexões sobre diversas tendências sociais. Ocupam-se do “notório crescimento da apatia política, da perda de interesse e de compromisso político”. Pretende-se que não abordemos criticamente as mudanças estruturais de que precisa a melhoria social.

Sublinham o paradoxo de, mesmo não nos ocupando das causas ou da origem do mal, “uma experiência de vitimização com sucesso e convincente e um relato persuasivo do sofrimento é caminho para o êxito e o reconhecimento”. Referem-se às utilizações pouco equilibradas da linguagem para defender as posições próprias. Usa-se com certa frivolidade termos que se deveriam reservar para descrever males muito graves, mas “a falta de respeito pelos conceitos e pela linguagem só mascara temporariamente a falta de

respeito pelos outros, e essa falta de respeito acaba por aflorar”.

Salientam que se estende um fenómeno algo “narcotizante”, porque concede um tipo de tranquilidade de consciência em troca de muito pouco esforço e acaba por paralisar a ação eficaz e duradoura do ativismo social. Trata-se da “nova geração de ‘ativistas *soft*’, que acham que fazer um clique numa petição do Facebook conta como um ato político”.

Mas, o livro não é sem esperança. Assinala continuamente vias pelas quais podemos descobrir e combater o mal. Assim, o exemplo de Václav Havel é glosado com particular cuidado e entusiasmo.

J. A. R. S. R.

